

Entrevista com Prof. Dr. Jairo Eduardo Borges-Andrade (Universidade de Brasília)

Interview with Dr. Jairo Eduardo Borges-Andrade (University of Brasília)

Entrevista com el Prof. Dr. Jairo Eduardo Borges-Andrade (Universidade de Brasília)

Entrevista

Jairo Eduardo Borges-Andrade¹

<https://orcid.org/0000-0002-2373-9057>

E-mail: jairo.borges@gmail.com

Gardênia da Silva Abbad¹

<https://orcid.org/0000-0003-0807-3549>

E-mail: gardenia.abbad@gmail.com

Mary Sandra Carlotto¹

<https://orcid.org/0000-0003-2336-5224>

E-mail: mscarlotto@gmail.com

Laila Leite Carneiro²

<https://orcid.org/0000-0001-7183-0501>

E-mail: laila_carneiro@hotmail.com

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil

Como citar:

Borges-Andrade, J. E., Abbad, G. S., Carlotto, M. S., & Carneiro, L. L., (2025). Entrevista com Prof. Dr. Jairo Eduardo Borges-Andrade (Universidade de Brasília). *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 25, e25entrevistajairo.
<https://doi.org/10.5935/rpot/2025.entrevistajairo>



Hoje, temos o prazer de entrevistar Jairo Eduardo Borges-Andrade, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível SR. Possui graduação (1972) em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB) e mestrado (1977) e doutorado (1979) em Sistemas Instrucionais pela Florida State University (EUA). Estágios de pós-doutorado realizados: International Food Policy Research Institute, EUA (1990), University of Sheffield, Inglaterra, e Rijksuniversiteit Gröningen, Holanda (2001) e Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Portugal (2010). Foi pesquisador da Embrapa (1979-1993), onde desenvolveu atividades ligadas a gestão de pessoas e de ciência e tecnologia. De 1993 a 2019, foi professor titular na UnB, onde realizou atividades de pesquisa (Comprometimento Organizacional, Treinamento e Desenvolvimento, Aprendizagem no Trabalho e Desenho do Trabalho), ensino (Graduação, Mestrado e Doutorado) e extensão (Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal). Continua realizando essas atividades de pesquisa e ensino, como Professor Emérito e Pesquisador Colaborador Sênior na UnB. Realizou atividades como professor visitante, nas Universidades de Bolonha (Itália), Coimbra (Portugal), Valência (Espanha), Johannesburg (África do Sul), Cali e Del Norte (ambas na Colômbia). Professor Emérito, UnB (2021). Gestão realizada em entidades científicas e profissionais: Capes (Psicologia), CNPq (Psicologia), ANPEPP, SBPOT, CFP e CRP-01.

Baseado na sua vasta experiência no campo da POT, como você avalia o futuro da publicação científica nesta área de conhecimento?

Para avaliar o futuro, farei projeções a partir do passado, como sua pergunta já sugere. Venho de experiências, nas duas últimas décadas do século XX e continuando neste, concernentes à gestão de periódicos científicos de Psicologia e adicionalmente de POT, no Brasil. Predominava a existência desses periódicos alicerçados em instituições de ensino superior (IES) e com apoio financeiro de órgãos de fomento. Eles ainda precisavam ser impressos e distribuídos pelos Correios. Essa distribuição de volumes e números vendidos a pessoas e vendidos ou doados a algumas bibliotecas de IES não garantia amplo acesso. O processo editorial (submissões, avaliações e revisões) também dependia dos Correios. Havia uma carência de indicadores de qualidade.

Vários desses periódicos surgiram ou passaram a ser assentados em associações científicas ou profissionais e aquele apoio financeiro minguou e ainda passou a ser privilégio de poucos. É provável que essa tendência continue, a depender do fortalecimento dessas associações. Não acredito mais em uma forte retomada desse apoio. Ela poderá ser (ou já é) substituída pela cobrança, por aqueles periódicos, de taxas de publicação, que muitas vezes são totalmente custeadas por apoio financeiro daqueles mesmos órgãos de fomento. Julgo que essa modalidade de cobrança (e apoio) se tornará mais frequente.

Na virada do século, aconteceu a disponibilização e expansão de tecnologias digitais que substituíram os Correios. Os processos editoriais, ainda pouco amigáveis (para autores e editores), passaram a ser mediados por mensagens eletrônicas e formulários online. Espero (e aposto) numa melhoria e simplificação desses processos, na medida em que surgirem usos mais inteligentes e baratos daquelas tecnologias. A impressão e a distribuição físicas dos números foram substituídas pela produção de arquivos digitais e viabilização de seu acesso online nos sites dos periódicos e de portais de periódicos eletrônicos. Isso ampliou sobremaneira sua obtenção e uso, pois, além da facilitação tecnológica, houve política de órgãos de fomento brasileiros no sentido de privilegiar quem possibilitasse tal acesso. Esse fenômeno, que se transformou em preceito nacional, não é necessariamente o padrão internacional. Presumo que isso continuará a ser assim, nos próximos anos.

Houve uma estratégia da Capes, no início do presente século, de criar um conjunto de indicadores de qualidade de periódicos, como parte do processo de avaliação de Programas de Pós-graduação (PPGs). Um desses indicadores, o acesso aberto, é requisito indispensável para uma boa qualificação. Na área de conhecimento da Psicologia, esses indicadores melhoraram nas décadas seguintes e felizmente foram baseados em uma política (dessa área) de fortalecer periódicos nacionais. Esse sistema de qualificação de periódicos da Capes, apesar de reiteradas manifestações desta, passou a adicionalmente atender outras finalidades, como a das avaliações de projetos de pesquisa submetidos para apoio de órgãos de fomento e das avaliações visando seleção e promoção de docentes de IES. Esse sistema foi objeto de críticas, principalmente de outras áreas do conhecimento, o que levou a Capes a recentemente sinalizar outras opções para a qualificação da produção intelectual dos PPGs, ainda sem extinguir o sistema. Espero que isso não ocorra, ou que a área da Psicologia encontre uma alternativa para ele, sustentada por suas associações científicas.

Quais são os principais desafios relacionados à publicização de pesquisas científicas atualmente?

Um desses desafios é relativo à manutenção do acesso aberto a publicações como mandado nacional, por meio de políticas de apoio financeiro privilegiado e de requisito para qualificação de periódicos, se ainda existirem no futuro. Tratei dessas duas questões na resposta anterior.

O segundo desafio é o de ampliar esse acesso aberto, de modo que ele vá além da divulgação de uma pesquisa realizada. Trata-se de também garantir acesso ao seu planejamento (e.g.: pré-registro que permita revisão por outras pessoas), à sua execução (e.g.: instrumentos completos de coleta de dados que viabilizem o uso por outras pessoas), e aos seus resultados (e.g.: dados completos que possibilitem análises por outras pessoas). Isso melhoraria a transparência dos processos de investigação e ainda reduziria as desigualdades de obtenção de informação entre pesquisadores, instituições, países e público em geral (Limongi & Rogers, 2025).

Como você acha que podemos assegurar a qualidade dos artigos científicos publicados?

Precisamos melhorar os indicadores de qualidade dos diversos tipos de pesquisa e das modalidades de relato dessas pesquisas. Depois, garantir que esses indicadores sejam usados por revisores que avaliarão manuscritos submetidos. Se conseguirmos superar o segundo desafio citado na resposta anterior, esses indicadores deveriam ser publicizados e eventualmente usados para manter ou retirar artigos já publicados em periódicos que garantam acesso ao planejamento, execução e resultados de relatos de pesquisa.

Qual conselho você daria para os jovens pesquisadores?

Que levem em conta que o desenvolvimento de competências para realizar e publicar pesquisa depende de processos de aprendizagem formal e informal. Os de aprendizagem formal são agenciados pelos PPGs (e.g.: oferta de disciplinas que promovam uma ampla aquisição de competências diversificadas; disponibilização de pessoas que ofereçam orientação técnica e que sejam modelos no seguimento de valores científicos). Os de aprendizagem informal são agenciados pelos próprios estudantes (e.g.: participem de pesquisas em execução por colegas e docentes, atuem como editores juniores de periódicos, busquem ativamente informações com essas pessoas, comparem o que observam nessas situações com o que leram em livros e artigos). Demandem o que cabe aos seus PPGs e façam o que é responsabilidade de vocês.

Referências

Limongi, R., & Rogers, P. (2025). Open science in three acts: Foundations, practice, and implementation – First act. *BAR-Brazilian Administration Review*, 22(1), e250079. <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2025250079>